

Em busca de um canal

Existe até quem queira utilizar o vídeo para reformar o ser humano, no I Festival Video Brasil, aberto na segunda-feira passada, no Museu da Imagem e do Som, em São Paulo. É o caso de Antônio de Pádua, autor de *Cá do Lado de Lá*, um dos 36 teipes concorrentes. Mas a grande maioria dos participantes pretende, por enquanto, reformar a televisão brasileira. Tem boas razões para isso.

As 35 horas de teipe que o festival, promovido pela Secretaria de Estado da Cultura, pelo Museu da Imagem e do Som e pela Sharp, exhibe até domingo, 14, raramente chegam ao telespectador. São documentários, ficções e musicais produzidos, com poucas exceções, pela geração que

Eletrônico. *Caderneta de Campo* é co-produção da Uzyna (do Teatro Oficina) com a TV Cultura de São Paulo, mas nem por isso foi exibido. "A TV Cultura não queria nem que incluíssemos nos créditos os nomes dos seus técnicos", queixa-se Edson Elito, da Uzyna.

O festival também exhibe alguns vídeos que já passaram pela programação normal. Foram produzidos pelas próprias emissoras - como o documentário *Morte no Pantanal*, da TV Bandeirantes - ou por produtoras mais solidamente estruturadas do que as que caracterizam o meio dos independentes. Como os episódios de *Barra Pesada*, da Manduri, que a Record exibiu, por quatro meses, até janeiro último.

A comunidade do vídeo, além de

"Marty Normal", teipe da Olhar Eletrônico (à direita), e vídeo-instalações da TV/Tudo

independente, é ativa. E, na falta das redes nacionais, reforça o circuito paralelo. Na próxima semana, o Centro Cultural Cândido Mendes, no Rio de Janeiro, inaugura uma sala de vídeo com trinta lugares. "O custo dessa instalação é baixo e pode entusiasmar o empresário de exibição", diz o diretor do centro, Cândido José Mendes de Almeida.

Os produtores esperam também, com certa impaciência, a implantação das televisões por cabo, a regulamentação das locadoras e videoclubes, a isenção fiscal para importação de equipamento e a proteção legal para que o vídeo brasileiro sobreviva às multinacionais de comunicações que em breve estarão no mercado.

Quando tudo - ou parte disso - acontecer, a crescente parcela do

público que não se comove com a novela das 8 poderá aplaudir outras atrações, como as exibidas neste festival. Pode ser *O Programa do Ratinho* ("esclarecimentos sobre tóxicos"), da TV/Tudo, ou *Minhas Férias* (delírio psicopático de um cidadão metropolitano), de Jorge Grinpum. Ou, quem sabe, *Tempos*, da Olhar Eletrônico e Fernando Meirelles: dura 1 minuto e 45 segundos e relata "acontecimentos marcantes do século XX". ▲

fotos: oskarreis/epoca



atingiu a maioridade na década de 70. Contém, quase todos, como observa Ivan Isola, organizador da mostra e um dos jurados, "reflexões metalinguísticas e a poética das ruas". É provocam o que Paulo Prioli, da empresa TV/Tudo, chama de "desconfiança cultural" nos responsáveis pela programação de televisão. Foi o que aconteceu com algumas das estrelas da mostra. *Quem Kiss Teve*, um borbulhante musical sobre a passagem do conjunto Kiss por São Paulo, e *Teleshow de Bola*, sobre os acontecimentos em torno de um jogo de futebol, ambos da TV/Tudo, são pilotos de frustradas séries propostas a diversas emissoras. *Garotos do Subúrbio*, sobre o movimento *punk* em São Paulo, deveria ser o primeiro de treze programas oferecidos à Globo por seus produtores - a Olhar

